

PERCURSOS À DERIVA NA INVESTIGAÇÃO DO LUGAR: O CASO DO CORREDOR CULTURAL, RIO DE JANEIRO¹

ALCANTARA, Denise de (1); BARBOSA, Alexandre (2); RHEINGANTZ, Paulo A.(3)

(1) Arquiteta M.Sc.; Doutoranda PROARQ-FAU-UFRJ - deal.rlk@terra.com.br; (2) Estudante Graduação FAU-UFRJ, Bolsista de Iniciação Científica CNPq - alexluiz7@hotmail.com; (3) Arquiteto, Professor Adjunto PROARQ-FAU-UFRJ - par@ufrj.br - Programa de Pós-Graduação em Arquitetura - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (PROARQ-FAU-UFRJ) - Universidade Federal do Rio de Janeiro - Cidade Universitária - Prédio da Reitoria, s. 433 - Rio de Janeiro

RESUMO

Tendo como base teórica a *abordagem atuacionista* da cognição – proposta por Francisco Varela, Evan Thompson e Eleanor Rosch – e como premissa uma nova postura do pesquisador, a de *observador incorporado* à ação e à experiência – que deve permear todo o processo da pesquisa – este artigo apresenta os resultados da aplicação desta nova atitude nos estágios iniciais da pesquisa sobre a cognição em áreas revitalizadas do centro histórico do Rio de Janeiro, especificamente as de abrangência do Projeto Corredor Cultural. O objetivo é incorporar esta nova atitude aos métodos, técnicas e instrumentos já consolidados e utilizados na avaliação da qualidade do lugar, na qual o observador/pesquisador assume uma postura consciente e incorporada em relação ao meio que estuda, observa e com o qual interage. A aplicação e validação desta metodologia poderá trazer significativa contribuição ao desenho urbano e ao ensino de projeto, no sentido de agregar ao olhar técnico e objetivo uma maior compreensão sobre como atributos de desenho podem transformar e qualificar o ambiente construído. Espera-se que esta metodologia se torne em uma atitude constante nos estudos sobre o lugar.

ABSTRACT

Considering as a theoretical framework the enactive cognition – proposed by Francisco Varela, Evan Thompson and Eleanor Rosch –, and as a premise a new researcher's attitude and conduct as an embodied observer of action and experience – which must be effective through the entire research process – this article presents the results of this method since the first stages of the cognition research in downtown historic areas of Rio de Janeiro, specifically the areas of the Cultural Corridor Project. The main objective is to aggregate this new attitude to the known and consolidated methods and instruments used for evaluating the quality of place, in which the observer/investigator assumes a conscious and attentive conduct in relation to the environment being studied, observed and which he interacts with. The application and validation of the methodology can bring significant contribution to urban design and teaching, by aggregating to the investigator's technical and objective view a wider comprehension of how design attributes can transform and qualify the built environment. We hope this new attitude becomes constant in the study of the place.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por finalidade apresentar os resultados relativos ao estágio inicial da pesquisa de doutoramento *Cognição, comportamento ambiental e identidade do lugar: avaliação de desempenho ambiental do Centro Histórico da Cidade do Rio de Janeiro*, vinculada ao grupo de pesquisa Pro-LUGAR – Projeto e Qualidade do Lugar, do PROARQ-FAU-UFRJ (www.fau.ufrj.br/prolugar). A pesquisa propõe verificar as influências e efeitos sobre a população do ambiente urbano modificado após a implementação do Projeto Corredor Cultural – projeto de preservação, revitalização e renovação implementado pela prefeitura com participação ativa da comunidade e iniciativa privada em trechos do centro histórico do Rio de Janeiro – o qual vem a se configurar como estudo de caso da pesquisa.

Com base na *abordagem atuacionista da cognição* proposta por Francisco Varela, Evan Thompson e Eleanor Rosch (2003) e da *empatia* proposta por Evan Thompson (2005) pretendemos demonstrar a contribuição da *cognição experiencial*² para qualificar a compreensão do caráter do lugar. Neste sentido, buscamos uma mudança de atitude do pesquisador em relação ao ambiente observado e introduzimos uma nova postura – a *observação incorporada* – que deverá permear todo o processo da pesquisa, desde seu primeiro momento.

¹ Publicado nos Anais do NUTAU2006 – São Paulo:USP, 2006

² Designação proposta pelo grupo ProLUGAR para caracterizar a aplicação da abordagem atuacionista e da empatia nas APO's e avaliações de desempenho do ambiente construído, que pressupõe um processo no qual estão envolvidos a percepção, a emoção e o comportamento relativos às interações homem-ambiente.

Acreditamos que esta atitude mais humana – uma vez que pressupõe a impossibilidade de qualquer descrição de um ambiente ser isenta das interpretações que o observador faz deste ambiente³ – pode contribuir qualitativamente para o desenho urbano e o ensino de projeto. O olhar mais atento e consciente do observador poderá captar nuances e aspectos subjetivos – muitas vezes deixados de lado em levantamentos quantitativos e objetivos – ampliando assim a compreensão sobre o lugar, seus usos e comportamentos⁴.

Concebido no início dos anos 1980 como o primeiro projeto de revitalização para o centro histórico do Rio de Janeiro, o Corredor Cultural representou um divisor de águas no planejamento e desenvolvimento das cidades brasileiras. De forma pioneira e integrada, o projeto considerou não apenas a preservação do patrimônio histórico e cultural, mas também a recuperação e a renovação de bens arquitetônicos e urbanísticos conjuntamente com a sua revitalização social e econômica.

Iniciado através de ações da prefeitura, desde a sua origem o Projeto Corredor Cultural tem contado com apoio de proprietários, comerciantes e comunidade. Considerando quatro aspectos fundamentais na re-qualificação urbana: a história, a memória, a preservação, e a participação comunitária, o projeto buscou conciliar modelos histórico-arquitetônicos com viabilidades econômicas e construtivas, além de favorecer a ocupação de áreas livres com novas construções que promovessem uma releitura das edificações históricas com uma linguagem contemporânea.

Recortes na área de abrangência do Projeto (Figura 1) foram determinados em nosso estudo para que fossem definidas, mapeadas e analisadas comparativamente as características físicas de cada um e, posteriormente, para que possa ser feito um estudo sobre a influência da cognição na análise e na avaliação do ambiente urbano. Este ensaio apresenta a proposta metodológica que direcionou a escolha do recorte e o estudo morfológico representativo da sub-área 2 – URUGUAIANA.



Figura 1 – Área total de abrangência do Projeto Corredor Cultural no Rio de Janeiro, com as 4 sub-áreas demarcadas:

(1) SAARA; (2) URUGUAIANA; (3) PRAÇA XV e (4) LAPA

Os métodos de *percurso à deriva* e a *observação incorporada* foram utilizados desde as primeiras visitas e dos primeiros contatos com a área foco desta pesquisa. O estudo e análise da morfologia urbana⁵ levou em consideração esta premissa. Assim, na realização dos levantamentos e mapeamentos das características físicas

³ Com base em Antonio Damásio (1995), é possível afirmar que, no início do processo de raciocínio, a mente do observador está repleta de imagens relacionadas com a situação observada, que entram e saem da sua consciência em uma velocidade vertiginosa e que influenciam e condicionam os resultados da observação. O autor considera que a emoção é parte integrante e indissociável da razão.

⁴ Cf. Rosa Pedro (1996: 135), o observador “*sente* o seu meio – a paisagem do corpo – e se altera ativamente de modo a obter, em relação a ele, a melhor interface possível [configurando um] ... modelo – por enquanto altamente experimental – onde razão, emoção e sentimentos encontram-se anatômica e funcionalmente entremeados”.

⁵ As técnicas e instrumentos de análise morfológica foram as mesmas utilizadas na pesquisa “Desenho Urbano e Qualidade do Lugar” do PROARQ-FAU-UFRJ. Para um estudo mais aprofundado ver DEL RIO, V. *Projeto e Qualidade do Lugar: Avaliação de Desempenho de Quatro Lugares na Cidade do Rio de Janeiro Através da Cognição e do Comportamento Ambiental*. Rio de Janeiro: FAU-UFRJ, 2001. [Relatório de Pesquisa] LAMAS, J. *Morfologia Urbana e Desenho da Cidade*. Lisboa: Fund. Calouste Gulbenkian, 2000. 2ª Ed. A Morfologia Urbana; SANNOFF, H. *Visual research methods in design*. New York: Van Nostrand Reinhold, 1991; LYNCH, K. *La Buena forma de la ciudad*. Barcelona: Gustavo Gili, 1985.

da área, em todos os momentos, foi de fundamental importância o envolvimento e incorporação dos componentes da equipe⁶ de trabalho em relação ao lugar, e suas anotações e registros das observações de campo são parte integrante dos dados coletados para a análise cognitiva.

ASPECTOS CONCEITUAIS E METODOLÓGICOS

“é perfeitamente aceitável falar de um mapa que representa um terreno sem pensar de que maneira que os mapas adquirem seu significado” (Varela et al, 2003: 145).

O foco central proposto na pesquisa de doutoramento é a cognição humana e as interações do indivíduo com o ambiente urbano, ou seja, a experiência do homem no lugar. Como a percepção é parte integrante do processo cognitivo, as capacidades sensório-motoras, ou os cinco sentidos – visão, audição, olfato, paladar e tato – e seus movimentos e ações, quando inseridos num contexto biológico, psicológico e cultural mais amplo, não podem existir sem a interação com o meio a ser experienciado. Da mesma forma, o meio inexistente sem a presença do indivíduo para o experienciar. Estes são aspectos bi-unívocos, indissociáveis e recíprocos.

A base teórico-conceitual que dá suporte às afirmações acima é derivada da abordagem atuacionista da cognição de Francisco Varela, Evan Thompson e Eleanor Rosch (2003), que questionam o pressuposto de que a "cognição consiste na representação de um mundo que é independente de nossas capacidades perceptivas e cognitivas por um sistema cognitivo que existe independentemente do mundo" (Varela et al, 2003: 17). Na abordagem atuacionista a cognição é proposta como *ação incorporada* (Varela et al, 2003: 17) e conjuga a incorporação da percepção com a ação perceptivamente orientada e ambas são inseparáveis na cognição vivida.

Esta orientação não-objetivista da *atuação* considera o conhecimento como resultado de uma interpretação contínua que emerge de nossas capacidades de compreensão, por sua vez vivenciadas e experienciadas em um domínio de ação cultural e histórico; estas experiências nos possibilitam compreender nosso mundo, no sentido de *“termos um mundo”* (Varela et al, 2003: 157).

Inspirando-se na abordagem atuacionista, o grupo de pesquisa Projeto e Qualidade do Lugar (ProLUGAR), passou a adotar, a partir de 2004, a designação *cognição experiencial* para caracterizar as observações que incorporem as interações homem-ambiente construído em sua experiência de viver (habitar, trabalhar, consumir, lazer, etc.), com vistas a enriquecer e conferir novo significado ao entendimento do *lugar*⁷. O ProLUGAR procura incorporar aos diversos instrumentos e técnicas normalmente aplicadas ao estudo e na avaliação do *lugar* uma nova atitude do pesquisador, que deve assumir uma postura mais sensível e atenta em suas observações e nos seus relatos e análises. Esta postura pressupõe que o observador deve incorporar suas sensações, sentidos e emoções, bem como se deixar influenciar conscientemente pelos estímulos proporcionados pelo ambiente a ser observado e demandou a proposição de uma nova atitude a ser adotada nos trabalhos de campo: a *observação incorporada* (ProLUGAR).

A *observação incorporada*, deve permear toda a experiência de avaliação da qualidade do lugar, seja nas técnicas de APO ou nas avaliações de desempenho urbano, pressuposto desta pesquisa. A *"mudança na natureza da reflexão de uma atividade abstrata desincorporada para uma reflexão incorporada (atenta) aberta"* (Varela et al, 2003: 43) permitirá possibilidades diferenciadas daquelas contidas nas representações comuns no âmbito vivencial do sujeito.

Técnicas de atenção – na qual a mente está presente na experiência incorporada de cada dia – devem ser exercitadas para trazer à mente a atenção, de modo a deixar de ser entendida como uma atitude abstrata, para se transformar em *uma observação e/ou relato da experiência vivenciada pelo observador*. Varela et al (2003: 40) sugerem que a meditação seja utilizada com o *"objetivo de levar a pessoa a tornar-se atenta, experienciar o que a mente está fazendo enquanto ela o faz, estar junto com a própria mente"*. A mente deve se esvaziar sem esforço, se deixar fluir, coordenar e incorporar corpo e mente, ficando clara sua atividade natural de estar alerta e ser observadora.

O conceito de *empatia* proposto por Evan Thompson (2005) é complementar aos estudos sobre a cognição, em função da importância da incorporação da *intersubjetividade* na relação que se dá entre as ciências cognitivas e a antiga tradição da fenomenologia, na filosofia e na psicologia. Para o autor a consciência humana individual é

⁶ Fizeram parte da equipe de trabalho de campo os estagiários da pesquisa em diferentes momentos Lina Correa e Alexandre Luiz Barbosa, graduandos da FAU-UFRJ.

⁷ Os conceitos de *lugar* são fundamentados em Yi-fu TUAN (1980), como o lugar significativo, o lugar da experiência, da história e da memória; em Christian NORBERG-SCHULZ (1979): *caráter do lugar*: orientação e identificação do homem com o ambiente e sua conotação simbólica como base existencial; e em Kevin LYNCH (1960 e 1981), pelo *sentido do lugar*: relação entre a forma do ambiente e os processos perceptivos e cognitivos humanos.

uma relação dinâmica indissociável do ser no mundo integrado ao ambiente natural e ao mundo humano social, e ela é inerentemente *intersubjetiva*.

A *empatia* é um tipo singular de experiência direta na qual os indivíduos se relacionam e entendem suas experiências e sua compreensão por meio da linguagem verbal ou não verbal. Na empatia entendemos as experiências do outro intersubjetivamente – e não como uma representação delas – sem, entretanto, passarmos pela experiência diretamente.

Como numa roda de chorinho – onde o cérebro é uma espécie de parceiro dos músicos engajados na improvisação que caracteriza este gênero musical, cujo resultado final emerge da ação de dar e receber entre eles – “o comportamento adaptativo é o resultado da interação contínua entre o sistema nervoso, o corpo e o ambiente, cada um com sua dinâmica rica, complicada e altamente estruturada” (THOMPSON, 2005:5) e nenhum deles tem o crédito exclusivo como “diretor” deste comportamento adaptativo neste sistema acoplado (Figura 2).

Fazendo uma analogia entre *acoplamento* e as interações do usuário com um ambiente urbano, é possível perceber que o ambiente emite estímulos e influencia as capacidades sensorio-motoras e cognitivas do observador ou usuário, que reagirá a eles não de forma independente, nem como se aqueles estímulos estivessem ali antes de sua presença. O calor de um ambiente, sua luz, suas cores, matizes e texturas, seus sons, sua ambiência, entre tantos outros estímulos serão percebidos incorporadamente e fazem emergir no indivíduo a consciência daquela experiência do ambiente de forma recíproca e indissociada por meio de sentimentos, ações e comportamento que, por sua vez, não estão dissociados de seu contexto histórico, cultural, social, etc.



Figura 2 - A roda de chorinho como uma analogia às interações homem-ambiente, intersubjetivas e indissociáveis, que emergem da ação de dar e receber entre eles.

COGNIÇÃO E DERIVA

“Mergulhar no ritmo das formas e dos sons, perder-se nas cores, nos corpos, sair desenhando com a imaginação a infinidade de semblantes...” (Henriques Neto, 2005: 94).

Resgatamos para nosso estudo, a terminologia conceitual de *psicogeografia*⁸ e de *deriva*⁹ proposta pela *Internacional Situacionista*, sociedade de ultra-esquerda fundada em 1958 por Guy Deborde, entre outros intelectuais, artistas alternativos e estudiosos de todo o mundo (JACQUES, 2003). Os *situacionistas*, descontentes com o modo de vida e de consumo do espetáculo imposta pelo capitalismo moderno, consideravam que o urbanismo havia se transformado em espetáculo e que as relações sociais e a participação haviam sido destruídas pelo capital. Defendiam a idéia de que a cidade deveria ser recriada conforme a situação gerada no momento, ou ainda, a situação construída designava um “*momento da vida, construído concreta e*

⁸ “Estuda os efeitos do meio geográfico, ordenado conscientemente ou não, e suas influências sobre o comportamento afetivo dos indivíduos”. Jacques, Paola B. *Apologia da Deriva*. Casa da Palavra, 2003.

⁹ “Modo de comportamento experimental, ligado às condições da sociedade urbana; técnica que consiste em passar apressado, por ambientes diversos. Designa, também e mais particularmente, a duração de um exercício contínuo dessa experiência”. Jacques, Paola B. *Apologia da Deriva*. Casa da Palavra, 2003.

intencionalmente para a organização coletiva de um ambiente unitário e de um jogo de acontecimentos” (JACQUES, 2003).

O método ou técnica da *deriva* – se podemos assim denominar este modo de comportamento experimental proposto pelos *situacionistas* – pressupõe re-conhecer (ou redescobrir) a cidade desconstruindo as formas culturais tradicionais e impregnadas de pré-concepções, a partir de um caminhar pelo ambiente sem uma direção ou rumo pré-definido. Ao vagar como um *flâneur*¹⁰, como um ser errante, se percebe o percurso e à medida que este se abre e atrai o olhar, os sentidos e o caminhar, cria-se a situação e são definidas as impressões que emanam do ambiente. Assim, o percurso e o mapa se delineiam a partir desta mesma lógica.

A idéia da deriva em muito se adequa à nossa intenção de, inicialmente, sentirmos, nos deixarmos impregnar, de estarmos incorporados aos lugares, às pessoas e às ações que se passam ao redor e penetram a mente e o corpo que, por sua vez, atuam em unísono com o meio. A idéia da deriva também deve ser relacionada com a atitude de observador da experiência, ou seja, da *observação incorporada*, originada a partir da *cognição experiencial* – que por sua vez, conforme anteriormente mencionado, baseia-se na abordagem atuacionista da cognição proposta por Varela et al (2003).

Definindo os recortes à deriva

“Não existem coisas independentes do processo de cognição... não há um território pré-dado do qual podemos fazer um mapa – a própria construção do mapa cria as características do território” (Capra, 2000: 213).

Ao tomarmos a área do Projeto Corredor Cultural como estudo de caso, levamos em consideração a sua larga abrangência e suas dimensões – cerca de 1.3 milhões de metros quadrados – e as dificuldades impostas pelas limitações temporais, orçamentárias e de pessoal envolvidas em uma pesquisa de doutoramento. Assim, para viabilizar o estudo, foi necessário determinar um conjunto de recortes representativos de cada uma das quatro sub-áreas existentes, utilizando como primeiro passo a técnica da *deriva* e a atitude de *observação incorporada*.

Em duas sub-áreas já foi realizado um levantamento e análise morfológica preliminar, a *PRAÇA XV*¹¹ e a *URUGUAIANA*, constante do estudo ora apresentado e que faz limite com a *SAARA*¹² (fig. 1). Neste estágio inicial – de configuração e delimitação dos recortes seguido pelos levantamentos e mapeamentos para análise morfológica – não foram realizados os estudos de cognição no que tange à visão da população usuária sobre o lugar. Foi realizado apenas o exercício de *observação incorporada* para registro e análise do ambiente físico e das contutas, ações e atividades da população – com base no registro atento do olhar do pesquisador, de suas reações e seus sentimentos presentes naquela interação – e com o uso de anotações de campo e de relatórios dos percursos à deriva, cujos trechos dos depoimentos serão apresentados mais adiante.

Importante enfatizar que a definição dos recortes obedeceu às lógicas da *deriva* e da *observação incorporada*. A estas se seguiram alguns parâmetros e aspectos determinantes: (a) deveriam ser espaços livres de edificações, mas geometricamente conformados por edificações em pelo menos n-1 lados; (b) deveriam ser lugares públicos, podendo conter áreas semi-públicas, tais como ruas com ou sem tráfego de veículos, travessas, praças e largos; e (c) deveriam ser lugares nos quais a presença humana pudesse ser observada.

Paralelamente aos aspectos acima mencionados, ao delinear os recortes, cada sub-área deveria conter ainda dois lugares que apresentassem diferenças de escala e ambiência, que pudessem ser analisados comparativamente. Assim, seus aspectos contextuais e formais, suas dicotomias e suas semelhanças, poderão servir como indicadores para análise e comparação, por sua vez, entre as sub-áreas, num segundo estágio da pesquisa.

Neste sentido, os primeiros percursos ou passeios à deriva foram de substancial importância na seleção e na definição dos recortes pelo seu caráter predominantemente qualitativo e subjetivo e, por ser desprovido de pré-concepções ou amarras teórico-contextuais, além daquelas que carregamos em nossa bagagem histórico-cultural.

Cabe enfatizar que, mesmo que a postura do pesquisador/observador de estar aberto e vulnerável às influências do lugar possa parecer frágil, a observação atenta, consciente e incorporada pressupõe a capacidade do observador de equilibrar seus sentidos e suas emoções e de não se deixar levar por impressões desatentas ou

¹⁰ *Flâneur baudelairiano*: o andarilho urbano, o curtidor do efêmero, o vagabundo consciente, o lascivo do instante (Henriques Neto, 2005: 94).

¹¹ O artigo que apresenta os resultados desta análise – “O Largo e a Travessa – Dicotomias pontuais e harmonias contextuais na Praça XV, Centro do Rio de Janeiro” de autoria de Denise de Alcântara – encontra-se em processo de análise para publicação na Revista Paisagem e Ambiente da USP.

¹² Sigla de Sociedade dos Amigos das Adjacências da Rua da Alfandega, correspondente a outra sub-área do Projeto.

superficiais sobre o ambiente observado. Ter consciência do ato de observar e estar mental e corporalmente presente – e, porque não, espiritualmente – torna-se condição fundamental na experiência humana.

Consideramos que a incorporação dos sentidos, dos sentimentos e das emoções na observação de um ambiente pesquisado pode vir a demonstrar que a explicação está baseada na experiência vivenciada e consciente do observador que, por meio de sua interação com o ambiente, passa a ser *sujeito* no processo de avaliação cognitiva e *roteirista* de sua explicação: “o que faz com que alguém seja um cientista é a paixão pelo explicar, não pelo buscar a verdade.”(MATURANA 2001: 52). Segundo Maturana (2001: 29), “uma explicação é uma reformulação da experiência aceita por um observador.”

A Experiência da Deriva

O recorte deste estudo correspondeu ao polígono formado pelas ruas Uruguaiana, Sete de Setembro, Rua Senhor dos Passos e Avenida Presidente Vargas. O percurso à deriva realizado foi iniciado na Rua Uruguaiana e seguiu pelo Beco do Rosário, Rua dos Andradas, Largo de São Francisco, Rua Luiz de Camões, Largo Alexandre Herculano, Rua do Teatro, Rua Sete de Setembro, Rua Ramalho Ortigão e Rua da Conceição.

A análise morfológica objetiva da área não configura o principal tema deste estudo, cujo foco é a aplicação de uma postura de análise, ou seja, nosso interesse maior é sobre o método de trabalho. Assim, procedemos à transcrição de alguns trechos de depoimentos dos pesquisadores, paralelamente à análise formal e física, com a inclusão de mapas com alguns dos levantamentos realizados, de modo a enfatizar as semelhanças e dicotomias entre estas.

Trechos dos relatórios dos percursos à deriva realizados pelos integrantes da pesquisa (Figuras 3, 4, 5 e 6)

“A chegada ao centro se deu pela estação do Metrô da Uruguaiana e o primeiro impacto, bem negativo, foi o mau cheiro logo à saída da estação, emparedada pelas barracas do camelódromo e tratada como mictório pelos camelôs. O calor daquela manhã de verão intensificava não somente o odor de urinas e sujeiras outras, mas também ampliava o barulho vindos das inúmeras caixas de som estridentes espalhadas pelo camelódromo que, a cada passo dado, surgiam e mesclavam todo tipo de ruídos, vozes de anunciantes e músicas diferentes entre si, ferindo os ouvidos e causando uma certa irritação. Um grande número de pessoas passavam pelas ruas e calçadas indiferentes ao que se passava ao redor e apressadas para chegar aos seus destinos. Algumas paravam nos camelôs, acotovelando-se e tentando a melhor barganha pelos objetos de todo jeito e tamanho expostos. O aparente caos daquele mercado persa parecia não ter fim, e continuei a caminhar em direção a um pequeno espaço separado da rua por um gradil de ferro, mas que, por estar totalmente aberto, convidava a entrar. Logo entrei naquela travessa e, alívio!, o ruído cessara, a miríade de objetos e camelôs e pessoas circulando de cá para lá deram lugar a uma espécie de oásis, sem veículos, em um pequeno espaço livre e arborizado ao lado de um edifício religioso recuperado não havia muito tempo. Algumas lojas e restaurantes nos térreos dos edifícios que se voltavam para a via estavam em atividade e os funcionários começavam a organizar as mesas para o horário de almoço próximo. Ao final do caminho, um espaço um pouco maior se abria, mas estava tomado por vasos de plantas sob a sombra generosa de uma amendoieira. Aquele pequeno recanto, atraente ao olhar e à permanência, transmitia uma certa paz e criava um microclima bem agradável que transformava o ambiente e quase apagava da memória as impressões negativas recém gravadas” (depoimento registrado em 17/01/2006 – 10:00h).



Figura 3 - Final da Rua dos Andradas com o aparente alargamento do espaço e a apropriação das calçadas pelos camelôs



Figura 4 - Beco do Rosário, oasis arborizado e tranquilo no centro da cidade

“O percurso foi iniciado por volta das 11:00h de uma manhã de verão pelo Beco do Rosário dando na Rua dos Andradas, uma rua não muito tumultuada em comparação com outras próximas. Fazia bastante calor e as pessoas constantemente se esbarravam, devido à pressa, ao calor e a necessidade da procura de alguma sombra, uma vez que não havia árvores nas calçadas. Apesar dos poucos veículos, o ruído de pessoas conversando era grande, vindo daquela área e das vizinhas, como a rua Luiz de Camões, bastante movimentada com o tráfego de veículos. A sensação era de caos na rua e um desejo de sair logo de lá. Não dava vontade de parar e muito menos de ficar observando qualquer coisa, porém apenas de encontrar um local menos quente e menos barulhento. Tudo isso contrastava com a área inicial do percurso, o Beco do Rosário, onde o comércio de plantas transformava o ambiente num lugar tranquilo e agradável. As pessoas andavam com mais calma ou paravam ali mesmo para conversar, esperar ou observar qualquer coisa – as árvores criavam uma área de sombra e um microclima mais ameno predominava e tornava a observação do lugar bem mais confortável.” (depoimento em 17/01/2006 – 11:00)

“Já na Rua dos Andradas, o impacto das barracas de camelôs era bem menor, talvez por estarem distribuídos ao longo da calçada, mais larga neste trecho e junto ao meio-fio, deixando áreas livres para a circulação. Apesar da rua ser carroçável, veículos quase não trafegavam ali e o burburinho era proveniente de vozes humanas. O calor, apesar da manhã estar avançando, parecia diminuir e a rua estava bem sombreada pelos edifícios altos ao longo da via, que a fazia parecer mais estreita e comprida. O ambiente parecia de todo mais limpo que o observado no camelódromo, mas as lojas térreas e ainda os camelôs de comércio de todo tipo causavam uma certa poluição visual no ambiente. Aqui não senti a insegurança e até um pouco de medo dos tipos mal-encarados com quem esbarrei, que, agora percebo, senti no camelódromo ao sair do metrô. De longe, já havia percebido que o final da rua se abria e se alargava, mas era uma impressão mascarada pelos barracas, pelos edifícios e pela arborização da simpática travessa que percorri.” (Depoimento em 17/01/2006 – 11:00h)

“Ao final da Rua dos Andradas repentinamente se abre um largo de formato retangular, bem amplo, aberto, com poucas sombras e conformado por uma igreja, repleta de elementos e ornamentos ecléticos em eixo com a rua, e um outro edifício histórico, de desenho clássico ao lado. Amplitude, espaço aberto, ar para respirar: a sensação no largo se diferencia da percebida em outros pontos do percurso. A densidade humana se rarefaz em seu centro, ao contrário de sua periferia que, circundada por camelôs nas calçadas junto aos edifícios, abriga um sem número de pedestres de todo tipo e, aparentemente, sempre apressados e desatentos com o ambiente em volta. Poucos carros circulam. A sensação de confinamento reforçada pela estreita rua, cessa e altera novamente os sentidos, que se aguçam. Percebo um som étnico de um instrumento de sopro, que depois vejo ser proveniente de caixas de som sob uma tenda, onde o músico de rua estrangeiro na cidade vende seus CD's, num dos lados do largo. A pavimentação mineral – em paralelepípedo e pedra portuguesa - e a falta de sombras, mesmo havendo bancos na praça, não estimulam à permanência e intensificam a sensação de calor de quase meio-dia, ou seja, quase não há ninguém na praça, apenas poucas circulando diagonalmente para atingir o lado oposto. (Para registro: Devo voltar a este largo em outro horário em que o calor esteja mais ameno. Numa próxima visita fazer entrevistas e tentar descobrir um pouco mais sobre este lugar e seu uso.) Na busca por uma sombra, meu olhar se volta para uma rua tranquila de paralelepípedo ao lado do edifício histórico que pelo letreiro vejo que é uma escola da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Neste lado, entretanto, não vejo movimentos de estudantes, talvez por ser período de férias. Decido por contornar o quarteirão pela rua tranquila” (Depoimento em 17/01/2006 – 12:00h).



Figura 5 - Largo de São Francisco em um dia sem sol. Notar o pequeno numero de usuários no local

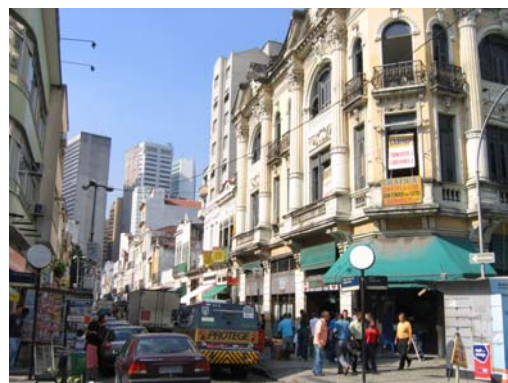
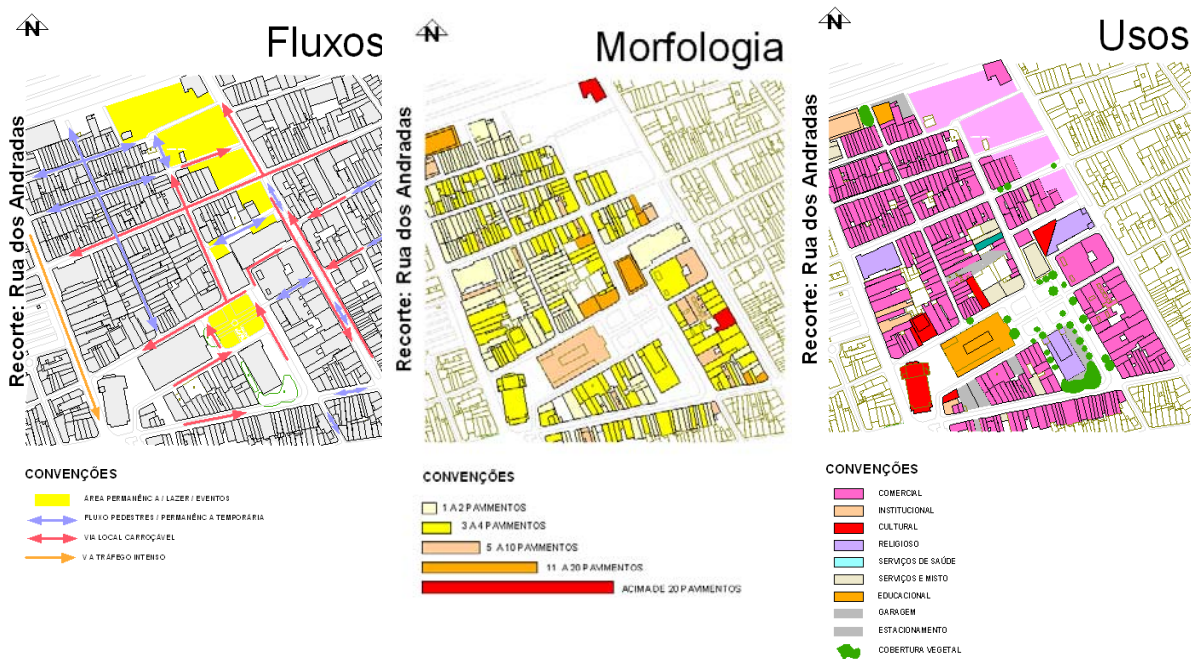


Figura 6 - Movimento de veículos e pedestres na Rua Sete de Setembro

“Seguindo em direção a Rua Luiz de Camões, era quase imperceptível a existência do Largo de São Francisco de Paula, que fica em frente ao IFCS - Instituto de Filosofia e Ciências Sociais - da UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro - e a igreja de São Francisco de Paula. Devido, talvez, a quantidade de pessoas na rua e a altura das edificações nas esquinas. É um largo com uma maior incidência solar, porém de maior ventilação e menos barulhento. A minha sensação de calor ainda era estonteante prejudicando minha capacidade de observação. Na Rua Luiz de Camões os veículos andam com cautela e a quantidade de pedestres ainda é grande nas calçadas. Não foi observada a passagem, em nenhum momento de nossa visita de veículos maiores, como caminhões e ônibus. Tudo isso somado ao grande largo, propiciava uma ótima visão de todo o ambiente, de qualquer ponto. Porém somente isso era bom, pois a temperatura do ar ainda era alta, não havia qualquer tipo de sombra para nos proteger e o reflexo do sol nos olhos às vezes prejudicava nossa caminhada. O sol parecia muito mais radiante naquela região, dificultando ainda mais a observação e o conforto de todos os nossos sentidos.” (depoimento 17/01/2006 – 12:30h)

“A Rua Sete de Setembro é muito mais movimentada de pedestres e veículos. O calor tem a mesma intensidade. Porém é mais agradável caminhar por ela porque a quantidade de pessoas passou-me uma segurança maior em relação a assaltos. Nesta rua encontramos um beco que transpassa todo o quarteirão até a Rua da Carioca: é um ambiente agradabilíssimo. Foge totalmente das impressões pessoais que tive dos outros lugares que percorremos: sem calor, seguro porém estreito demais e visão e cheiros agradáveis das plantas à venda. É como se saíssemos do mundo em que estávamos para entrar em outro, a Rua da Carioca – de uma rua estreita para uma rua muito aberta. Deve ser por isso que este beco tem o nome de Rua do Verde – é uma ruela que passa sob uma edificação moderna, mas bem integrada aos edifícios antigos e aparentemente sem uso.” (depoimento em 17/01/2006 – 12:30h)



Figuras 7 a 9 – Mapas dos levantamentos das características físicas realizadas na área em estudo após sua delimitação definida nos percursos a deriva pelo centro da cidade (mapas elaborados no aplicativo VectorWorks pelos estagiários da pesquisa Lina Correa e Alexandre Luiz Barbosa)

Com base nos depoimentos e relatos apresentados, a leitura e a compreensão dos mapas torna-se tarefa fácil e prazerosa. O subjetivismo e os aspectos qualitativos dos primeiros se acoplam e se complementam ao modo objetivo de representação bidimensional dos mapas apresentados (Figuras 7 a 9).

Da área estudada, destacamos dois lugares dicotomicamente opostos: o Largo de São Francisco – espaço aberto, amplo, de qualidades urbanas perceptíveis ainda que permaneça vazia quase o tempo todo – e a Rua dos Andradas – estreita, aparentemente longa, movimentada e representativa do uso comercial e da apropriação pública pelos usuários. Não há um fluxo único nessas vias: são inúmeras as conexões possíveis entre os diversos pontos desta rede urbana, mas são especialmente os pedestres os favorecidos no jogo da circulação. Não há bancos sob as árvores ou locais adequados a permanência, porém o próprio usuário delimita e se apropria do lugar – seja o músico solitário no largo, sejam os camelôs, com suas bugigangas, sejam os funcionários que descansam à sombra em seu horário de almoço.

Em cada umas das áreas estudadas os edifícios também se diferenciam e alteram o sentido e a percepção do lugar e sua ambiência. São de certa forma adequados às proporções e dimensões daqueles espaços – os de maiores proporções situam-se em torno do Largo de São Francisco, configurando alguns características monumentais, tais como a Igreja de São Francisco e o edifício da UFRJ. Na pequena e estreita via se alinham os sobradões ecléticos característicos do período histórico que representam.

Observamos que, no horário noturno, ambos os lugares permanecem vazios, com movimento de serviço, apenas, como carga e descarga nos pontos comerciais e para retirada de lixo. Nesta área não foi observado movimento cultural ou social fora do período diurno.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Consideramos que o método *percurso a deriva* se mostrou útil e válido, não apenas na delimitação da área de estudo, mas especialmente para o enriquecimento dos dados levantados por meio dos depoimentos e relatórios de campo. O desenvolvimento do estudo da *cognição experiencial* e a decisão de assumirmos a abordagem da *observação incorporada* – na qual o observador interage com o ambiente de modo recíproco e indissociável – possibilita que o ambiente construído seja visto com um *olhar* mais significativo e compreensivo, além de impregnado de subjetividade.

A *atuação* ou a *experiência* do pesquisador no processo de cognição passa a ser parte integrante e fundamental na "criação de um mundo" – o mundo percebido e vivenciado pelo observador. A mudança de postura dos observador/pesquisador, ao incorporar em seu relato suas próprias experiências, percepções e expectativas na investigação mais subjetiva do comportamento e dos fenômenos que ocorrem no meio urbano, torna-se portanto, indissociável dos métodos e procedimentos de avaliação tradicionais e consolidados de avaliação da qualidade do lugar. A contribuição da abordagem também está relacionada com o processo de conhecimento do lugar e de sua análise, seja para fins de redesenho ou revitalização de áreas urbanas, seja para novas intervenções e projetos em áreas a urbanizar.

A convicção sobre a indissociabilidade entre a experiência subjetiva (e emocional) e a compreensão objetiva (e racional) no processo de explicar e de compreender a interação homem-ambiente – que se baseia no pressuposto de Humberto Maturana (2001) de que todo relato é o relato de uma observação ou experiência vivenciados pelo observador – evidenciam a contribuição e a utilidade da *observação incorporada* para a compreensão, a análise e avaliação do lugar. Assim, com base nas experiências de campo realizadas pelo grupo ProLUGAR, acreditamos que uma atitude *incorporada* e uma observação atenta do ambiente urbano e de suas influências sobre nossa própria experiência – tanto racional quanto emocional – podem vir a ser importantes para a avaliação qualitativa e significativa de um determinado ambiente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALCANTARA, Denise de. *Reflexões sobre o Centro Histórico do Rio de Janeiro: Uma Abordagem Filosófica da Cidade Contemporânea* In: Anais do II Seminário Arquitetura e Conceito, 2006, (CD-ROM). Belo Horizonte: NPGAU-UFGM, 2005.

ALCANTARA, D.; RHEINGANTZ, P.. *A Cognição Ambiental na Avaliação da Qualidade do Lugar - Conceitos e Métodos para o Aprimoramento do Desenho Urbano*. In: Anais do NUTAU'2004. São Paulo: NUTAU/USP, 2004. (CD-ROM)

CAPRA, F. Sabedoria Incomum. São Paulo: Cultrix, 1991.

_____. A Teia da Vida – Uma Nova Compreensão Científica dos Sistemas Vivos. São Paulo: Cultrix, 1997.

DAMÁSIO, António. O Erro de Descartes. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HENRIQUES NETO, Afonso. Cidade Vertigem. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2005.

JACQUES, Paola B. A Apologia da Deriva – Escritos Situacionistas sobre a Cidade. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

LYNCH, Kevin. The Image of the City. Cambridge MA: MIT Press, 1960.

_____. A Theory of Good City Form. Cambridge: MIT Press, 1981.

MATURANA, Humberto. Cognição, ciência e vida cotidiana. Belo Horizonte: Editora da UFGM, 2001.

NORBERG-SCHULZ, C. *Genius Loci: Towards a Phenomenology of Architecture*. Londres: Academy Press, 1979.



PEDRO, Rosa M. L. R. Cognição e Tecnologia: híbridos sob o signo do artifício. Rio de Janeiro: UFRJ, 1996. Tese (Doutorado em Comunicação).

PINHEIRO, A., DEL RIO, V. Corredor Cultural: Um distrito de preservação no centro do Rio de Janeiro, Brasil. *Traditional Dwellings and Settlements Review*, vol. 4 # 2, Spring, 1993.

RHEINGANTZ, Paulo A. *De Corpo Presente - Sobre o papel do observador e a circularidade de suas interações com o ambiente construído*. In: Anais do NUTAU'2004. São Paulo: NUTAU/USP, 2004. (CD-ROM)

THOMPSON, Evan. *Human Consciousness: From Intersubjectivity to Interbeing*. Disponível na Internet, no endereço < www.york.ca/evant > consulta realizada em março de 2005.

TUAN, Yi-Fu. Espaço e Lugar - a perspectiva da experiência. São Paulo: DIFEL, 1983.

VARELA, Francisco; THOMPSON, Evan; ROSCH, Eleanor. A Mente Incorporada – Ciências Cognitivas e Experiência Humana. Porto Alegre: Artmed, 2003.